

SOBRE A COMBINAÇÃO DA PRAGMA-DIALÉTICA COM A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSOⁱ

Constanza Jory Ihnenⁱⁱ
John E Richardsonⁱⁱⁱ

Introdução

Recentemente, uma ‘frente’ acadêmica foi aberta entre a Análise Crítica do Discurso (ACD) e o conhecimento argumentativo mais ‘ortodoxo’. Especificamente, em um discurso proferido em uma importante conferência, Žagar (2009) defendeu que os trabalhos de alguns Analistas Críticos do Discurso não apenas fazem o mau uso, como também interpretam erroneamente alguns conceitos centrais da teoria retórica clássica – em particular os *topoi* – e que permanentemente mancharam a sua convenção analítica por conta de um desencontro fundamental entre os objetivos analíticos e políticos da ACD. A partir de uma postura argumentativa diferente, porém não totalmente irrelacionada, Iețcu-Fairclough (2010, p. 2) argumentou que a Abordagem Histórica do Discurso para a ACD utiliza a noção de *topos* “de maneiras que parecem não corresponder” à forma que o *topos* é definido na retórica clássica. Em vez disso, a própria análise crítica dos discursos público e político feita por Fairclough favorece “uma abordagem que faz uso do aparato

altamente técnico e rigoroso da teoria da argumentação a fim de participar da reconstrução e da análise do argumento” (IETÇU-FAIRCLOUGH, 2010, p. 3). Entretanto, ela é enfática ao dizer que “o modelo pragma-dialetal não é suficiente” para tamanha tarefa, visto que “O debate e deliberação públicos não se encaixam facilmente no modelo de DC [discussão crítica]” (Ibid). Mais detalhadamente, ela argumenta que, embora a discussão crítica “termine de maneira ideal em consenso, a política não é um reino em que o consenso é sempre possível ou desejável”. Ao ignorar o fato de que a resolução de uma divergência entre opiniões não é a mesma coisa que atingir um consenso, Iețcu-Fairclough (2010) defende que isso não é sempre possível, pois há “diferenças de opinião que precisam ser deixadas em paz e que devem coexistir pacificamente sem um acordo, sem um ponto de vista tentar mudar o outro”; similarmente, a solução não é sempre desejável, visto que “o raciocínio prático na esfera pública ocorre num contexto de pluralismo de valores, bem como uma pluralidade de objetivos, e há argumentos tipicamente bons em ambos os lados de um

ⁱ Referência do texto fonte desta tradução: IHNEN; CONSTANZA; RICHARDSON, John E. On Combining Pragma-Dialectics with Critical Discourse Analysis. In: FETERIS, E.T.; GARSSSEN, B.; SNOECK HENKEMANS, F. (Eds). **Keeping in touch with Pragma-Dialectics**. In honor of Frans H. van Eemeren. Amsterdam: John Benjamins, 2011. pp. 231-244.

ⁱⁱ Doutoranda pela Universidade de Amsterdam, Holanda. E-mail: c.ihnemjory@uva.nl.

ⁱⁱⁱ Docente da Universidade de Newcastle, Inglaterra. E-mail: john.richardson2@newcastle.ac.uk.

debate” (Ibid). Por último, Forchtner e Tominc (no prelo) argumentam contra o uso da Pragma-Dialética na Abordagem História do Discurso para ACD, uma vez que fazê-lo implica em um “conflito epistemológico” incomensurável entre a Teoria Crítica (Habermas) da Abordagem Crítica do Discurso e o Racionalismo Crítico da Teoria Pragma-Dialética.

Em suma, há um corpo de trabalho crescente que afirma haver uma incompatibilidade básica entre a ACD e a Pragma-Dialética. Em contraste com essa ideia, consideramos essa partilha putativa entre a ACD de um lado e a argumentação – em particular a teoria pragma-dialeto – do outro, como equivocada e indesejável. De fato, neste artigo, defendemos que a Pragma-Dialética pode desempenhar um enorme papel no plano de pesquisa da ACD. Desenvolvemos o nosso argumento em duas etapas: na primeira, destacamos as diferenças entre essas duas abordagens: uma vez que se pode esperar que os leitores estejam mais ou menos familiarizados com a teoria Pragma-Dialética, mas não necessariamente com a ACD, começamos com uma breve introdução a essa última. Em seguida, especificamos os benefícios que são os resultados da combinação das duas perspectivas.

1. Duas abordagens para o discurso (argumentativo)

Os principais focos teóricos e analíticos da Análise Crítica do Discurso (ACD) continuam a ser as relações entre o texto e o contexto. Como a maioria das abordagens da análise do discurso, a ACD está interessada em examinar “o que e como a linguagem comunica quando é usada propositalmente em determinadas instâncias e contextos” (CAMERON, 2011, p. 13). Consideramos que a linguagem é uma prática social que, como todas as práticas, é dialeticamente relacionada aos contextos de seu uso. Em outras palavras, “falar e escrever

sempre representa, produz e reproduz atitudes, crenças, opiniões e ideologias” (HEER e WODAK, 2008, p. 10) e, dessa forma, o uso da linguagem contribui para a produção e reprodução de realidades sociais.

Apesar de seu nome, a ACD não é um método singular de análise. Em vez disso, é uma perspectiva sobre o conhecimento crítico, direcionado à análise dos meios através dos quais os indivíduos e grupos sociais usam a linguagem. Os analistas críticos do discurso focalizam “em problemas sociais e especialmente no papel do discurso na produção e reprodução do abuso de poder e dominação” (van DIJK, 2001, p. 96). Por isso, “A ACD se enxerga como uma pesquisa politicamente envolvida com necessidades emancipatórias: busca alcançar um efeito na prática social e nas relações sociais” (TITSCHER *et al*, 2000, p. 147), particularmente as relações de supressão de poder, dominação, preconceito e/ou discriminação.

Dada a variação das abordagens para a ACD – ou, de forma ainda mais ampla, a variação dos Estudos do Discurso Crítico –, inevitavelmente qualquer consideração sobre o que é a ACD será parcial. Aqui, discutimos a Abordagem Histórica do Discurso de Ruth Wodak para a análise do discurso (ver REISIGL e WODAK 2001, 2009; RICHARDSON e WODAK, 2009a, 2009b; WODAK, 2009), visto que essa é, atualmente, a única abordagem significativa que, a princípio, trouxe formalmente a argumentação a esse viés analítico¹. A Abordagem Histórica

¹ Isso não é para sugerir que outras abordagens para a ACD não estejam interessadas em analisar o discurso argumentativo. Em um de seus primeiros artigos programáticos, van Dijk (1993) postula que ‘analistas críticos do discurso querem saber quais estruturas, estratégias ou outras propriedades do texto, fala, interação verbal, ou eventos comunicativos, desempenham um papel’ em relações de dominância social e depois listam “tópicos, significados locais, estilo e retórica” como candidatos a exemplos de tais

do Discurso (AHD) busca integrar e triangular o conhecimento sobre fontes históricas e o plano de fundo dos campos social e político em que os eventos discursivos são incorporados. Tamanho objetivo é baseado no princípio de que o texto apenas adquire sentido quando o seu manifesto e significados latentes (implicatura, pressuposição, alusão etc.) são lidos em contextos. Assim, contexto, contextualização e recontextualização precisam ser levados a sério na análise: aspectos da construção de sentido textual que frequentemente são sinalizados e realizados através de relações intertextuais. Não há texto isolado no espaço e no tempo, como muitos estudos apontam, e, portanto, a intertextualidade é inerentemente parte e parcela integrantes da construção de significado no texto (van DIJK, 2008a).

A Abordagem Histórica do Discurso (AHD) faz uso de quatro ‘níveis de contexto’ como heurísticos para situar as práticas discursivas, estratégias e textos e um contexto sociopolítico específico. No primeiro, o contexto imediato, a linguagem ou cotexto interno do texto, leva em consideração questões como a coerência textual, coesão e “os processos interativos de negociação local” (REISIGL e WODAK, 2001, p. 41), tal como

estruturas, estratégias ou outras propriedades do texto e da fala. Similarmente, Fairclough (1996, p. 286) argumenta que a análise de um evento discursivo particular requer uma ‘orientação de como retrabalhar o recurso social da ordem do discurso existente, mas isso também inclui as preocupações da análise estilística, pragmática e retórica’. Fairclough (2003) remete brevemente ao trabalho de Toulmin na discussão sobre argumentos ‘dialógicos’ e ‘monológicos’, embora tenha se afastado da argumentação para uma noção mais fluida de interpretação em sua recente Abordagem Dialética-Relacional (2009). Como regra, os métodos da análise do discurso utilizados na ACD não podem ser prescritos com antecedência, visto que a escolha deles depende principalmente de questões de pesquisa específicas. Dito isso, a AHD é a única abordagem que explícita e consistentemente cita a argumentação como uma estratégia-chave do discurso, daí o nosso foco nessa abordagem neste artigo.

uma troca de turnos, pergunta e resposta etc. Além disso, ao consideramos Billig *et al* (1988), defendemos que textos são multivocais – apresentam mais de uma visão – ou são baseados em “dilemas ideológicos”, tensões e inconsistências que podem ser extraídos da análise.

No segundo, há as relações intertextuais e interdiscursivas entre os enunciados, textos, gêneros e discursos. Esse nível de contexto leva em consideração a história e as referências intertextuais de termos e conceitos usados, ou as formas em que se menciona, discute ou debate-se um conceito em diferentes textos e em diferentes gêneros. Por exemplo: de que forma tem sido discutida historicamente a imigração? Isso difere dos gêneros ou dos tipos de atividade argumentativa? Essas relações intertextuais e interdiscursivas podem, e deveriam, ser examinadas em termos de continuidades e descontinuidades com a época atual.

No terceiro, há as variantes sociais/sociológicas e estruturas institucionais de um “contexto de situação” específico. Portanto, se o objeto de análise é um folheto de eleição partidária, ele teria de ser contextualizado *como* um folheto de eleição partidária, ou seja, como é um texto produzido em um momento particular, por uma organização particular, de acordo com um determinado conjunto de critérios discursivos.

No quarto, leva-se em consideração os contextos sociopolíticos e históricos mais amplos dentro dos quais as práticas discursivas estão embutidas. Este quarto nível de contexto é a “história”, como é convencionalmente compreendida, as amplas histórias das interações complexas entre as pessoas, organizações, instituições e ideias. Tal consideração é baseada no princípio de que o discurso está “situado nas, moldado e constituído pelas circunstâncias, que são mais do que e que são diferentes da linguagem” (ANTHONISSEN, 2003, p. 297). Por esse

motivo, esses contextos sociais, políticos e históricos precisam ser trazidos de volta para a análise. Essas quatro camadas permitem que os pesquisadores se situem melhor e analisem os significados do discurso e como eles se relacionam ao contexto.

Além disso, a AHD busca identificar o efeito das estratégias discursivas específicas que podem servir para representar um indivíduo ou um grupo, positiva ou negativamente (ver REISIGL e WODAK, 2009). Especificamente, a AHD oferece cinco tipos de estratégias discursivas que sustentam a inclusão/exclusão do eu/outro, e a construção de identidades. “Estratégia”, nesse sentido, geralmente diz respeito a um (mais ou menos preciso e mais ou menos intencional) plano de práticas, incluindo práticas discursivas, adotadas para alcançar um objetivo social, político, psicológico ou linguístico em particular.

Na primeira, há as estratégias *referenciais*, ou *nominativas*, pelas quais os atores sociais são nomeados e, dessa forma, discursivamente representados e posicionados, por exemplo, como parte de grupos internos e/ou grupos externos. Isso pode ser alcançado por meio de um número de dispositivos de categorização de filiação mais ou menos explícitos, desde a nominalização aberta até a metonímia, metáfora e sinédoque.

Na segunda, atores sociais, enquanto indivíduos membros de um grupo ou como um grupo em si, são linguisticamente caracterizados através de predicções. Essas estratégias *predicacionais* podem, por exemplo, ser percebidas como atribuições avaliativas de traços negativos e positivos na forma linguística de predicados implícitos ou explícitos e, assim, objetivam a categorização de atores sociais, processos, coisas etc., de uma maneira mais ou menos positiva ou negativa.

Na terceira, há *estratégias de argumentação*, e quanto a isso Reisigl e

Wodak (2001) dedicam uma ênfase particular aos *topoi*, por meio dos quais atribuições positivas e negativas são frequentemente justificadas. Tipicamente, os *topoi* num discurso preconceituoso ou discriminatório são empregados para justificar a exclusão de imigrantes através de argumentos quase racionais, como: “eles são um peso para a sociedade”, “eles custam muito caro”, “a cultura deles é muito diferente” etc. (KRZYŻANOWSKI e WODAK, 2008; REISIGL e WODAK, 2001; WODAK e van DIJK, 2000). Analisar as estratégias de argumentação de um texto/discurso também requer que os analistas examinem o potencial argumentativo dos elementos *visuais* (RICHARDSON, 2008). De fato, dados os constrangimentos legais e os notáveis tabus sociais contra argumentações racistas abertamente declaradas em partidos políticos, argumentos preconceituosos normalmente não são enunciados explicitamente e podem contar com certos elementos pictóricos para avançar a um ponto de vista coerente (RICHARDSON e WODAK, 2009a).

Na quarta, pode-se focalizar em estratégias *de perspectivação, enquadramento ou representação do discurso*. Através do enquadramento, falantes expressam o seu envolvimento no discurso e posicionam o seu ponto de vista no relato, descrição, narração ou citação de eventos relevantes ou enunciados.

Na quinta, há *estratégias de intensificação e atenuação*, as quais ajudam a qualificar e modificar o *status* epistêmico de uma proposição pela intensificação ou atenuação da força ilocucionária dos enunciados. Essas estratégias podem ser um aspecto importante da apresentação, na medida em que atuam para evidenciá-la ou reduzi-la.

Assim, a AHD, para a Análise Crítica do Discurso, contextualiza texto e fala em relação a outros discursos, a pontos de referência social e institucional, bem como a contextos e eventos sociopolíticos e históricos.

A Pragma-Dialética divide com a ACD o interesse em descrever o discurso (argumentativo) e em realizar essas descrições a partir da ótica pragmática. O princípio pragmático, por exemplo, aponta que o significado do (fragmento do) discurso é ligado ao seu contexto de uso, o que não é apenas fundamental à ACD mas também à Pragma-Dialética. Não é surpresa, então, que a análise pragma-dialética também recaia sobre acordos empíricos que vão além do próprio discurso. As fontes típicas usadas para analisar o discurso argumentativo na Pragma-Dialética são percebidas em relação às estruturas convencionais, às estratégias do discurso e às evidências etnográficas relacionadas ao contexto específico do tipo de atividade – ou gênero – na qual o discurso está inserido. Também, o contexto sociopolítico e histórico mais amplo do discurso desempenha um importante papel na análise de representações do implícito e dos atos de fala indiretos, como as premissas não ditas. (van EEMEREN, GROOTENDORST, JACKSON e JACOBS, 1993; van EEMEREN, 2010).

Conectada a essa orientação pragmática do discurso está a pressuposição compartilhada de que a linguagem é uma atividade orientada a um objetivo - que ocorre em meio a um conjunto de restrições contextuais - e de que os falantes querem que os seus enunciados não apenas sejam compreendidas mas também aceitos. Essa visão comum do discurso pode explicar outra ampla área em que há acordo entre as duas perspectivas: os seus interesses em estudar a dimensão estratégica do discurso (argumentativo). Na Pragma-Dialética, a busca do falante pela efetividade é estudada a partir do ponto de vista das “manobras estratégicas” e, na Abordagem Histórica do Discurso, sob o conceito mais geral de “estratégia discursiva”.

De maneira interessante, não é apenas na descrição do discurso (argumentativo) em que essas perspectivas sobre o discurso se encontram. A Pragma-Dialética e a ACD

também convergem, em seus interesses, para a execução de alguns tipos de “avaliações” ou “críticas” do discurso. Na Pragma-Dialética, o discurso argumentativo é avaliado do ponto de vista do modelo ideal de uma discussão crítica, que especifica os estágios e regras instrumentais à resolução racional de uma diferença de opinião. Um movimento argumentativo que violar qualquer uma dessas regras é negativamente avaliado como “irracional” ou “falacioso”, pois obstrui a resolução racional da disputa. Na ACD, os analistas estão interessados não apenas em descrever como a realidade social é representada no discurso, mas também em rotular e caracterizar certas representações como “inaceitáveis” ou “irracionais”, pois desempenham um papel na (re)criação de relações de desigualdade e de supressão de poder. Tal caracterização, do que é comunicado no discurso, também é claramente avaliativa em sua natureza.² Abordagens da ACD que se baseiam na teoria da argumentação também empregam modelos ideais de interação comunicativa na Análise Crítica do Discurso. De fato, os analistas que trabalham a partir da Abordagem Histórica do Discurso usaram a Pragma-Dialética, incluindo o modelo de uma discussão crítica, como parte de sua análise crítica das estratégias linguísticas de argumentação (REISIGL e WODAK, 2001). Contudo, a avaliação discursiva, a partir da perspectiva da ACD, normalmente significa mais do que avaliar a razoabilidade dialética.³

Em concordância com a sugestão de van Dijk (2008b, p. 823) de que a ACD deveria abordar “a falta de teoria sobre as normas e princípios da sua própria atividade crítica”,

² Essa é, aliás, a chave para a distinção entre ‘Análise Crítica do Discurso’, de um lado, e ‘Análise do Discurso’, do outro. Esta última se preocupa apenas com a descrição e interpretação do discurso.

³ Embora, conforme detalhamos, a ACD possa, ainda assim, integrar a análise pragma-dialética em uma ampla crítica sociopolítica.

recentemente, alguns estudiosos dentro da ACD tornaram-se um pouco mais envolvidos na tarefa de fornecer uma justificativa teórica explícita, e mais coerente, para os julgamentos normativos no coração da crítica⁴. Tal trabalho permanece em seus estágios de desenvolvimento, o que significa que mais esforço vai ser necessário até que a crítica normativa possa ser recuperada de sua atual localização isolada na filosofia política e moral (SAYER, 2006). Ainda assim, podemos identificar duas abordagens teóricas promissórias: adaptar e aplicar a noção do discurso deliberativo de Habermas (conferir FORCHTNER, no prelo; FORCHTNER e TOMINC, no prelo); e a postura antirreducionista, objetivista de Sayer sobre o sofrimento social.

Há, é claro, algumas diferenças notáveis entre a Pragma-Dialética e a ACD. O primeiro e, talvez, mais óbvio contraste remete ao tipo de atividade discursiva com que cada uma se relaciona. ACD não está específica e primariamente interessada na argumentação. A perspectiva da ACD pode ser aplicada a qualquer tipo de discurso, e para cada elemento de um discurso, não importa qual seja a sua função, argumentativa, informativa ou explanatória. A Pragma-Dialética, em contraste, lida exclusivamente com o discurso argumentativo e, por isso, com movimentos que têm uma função argumentativa.

Há, além disso, uma diferença fundamental no que diz respeito aos seus *métodos* de análise. De um lado, a ACD não possui uma metodologia singular, mas baseia-se em critérios e aplica categorias provenientes de uma variedade de fontes. A linguística é uma delas, é claro, mas também o são a Teoria Política, a Filosofia Política, a Sociologia e a História. De fato, Sayer (2006, p. 463)

argumenta que a “ACD nunca deve ser uma atividade autossuficiente”, e necessariamente precisa se basear em “conhecimentos acadêmicos específicos sobre as questões abordadas no discurso em questão” (ver também WODAK, 2001). Do outro lado, a Pragma-Dialética tem um método de análise próprio. Esse método consiste em realizar uma “reconstrução normativa” do discurso. A finalidade de tal reconstrução é recuperar, de uma sequência de atos de fala pragmaticamente organizados, um conjunto de atos argumentativamente relevantes, aos quais as normas e as categorias do modelo ideal para uma discussão crítica são pertinentes e representam-nos em uma visão geral analítica (van EEMEREN *et al*, 1993). A visão geral específica o tipo de disputa, as proposições que compõem a substância dos pontos de vista e argumentos, os pontos de partida da discussão, os tipos de esquemas de argumentos usados em cada argumento separadamente e a forma como esses argumentos se relacionam uns com os outros.⁵

Diferente também é o foco da análise. O que é relevante para a ACD pode não ser relevante para a Pragma-Dialética, e vice versa, e diferentes perspectivas sobre a relevância provavelmente resultam em diferentes descrições do mesmo discurso. A ACD tipicamente descreve textos a partir do ponto de vista de um problema social específico (por exemplo, a discriminação contra os muçulmanos) e concentra-se na manifestação discursiva do abuso de poder e eixos de dominação em relação a esse problema (por exemplo, a representação do

⁴ Ver a conferência “*Crítica: Uma conferência interdisciplinar sobre ‘ser crítico’*”, realizada na Universidade de Loughborough, em 26 de Junho de 2009.

⁵ Para ter certeza, há uma sobreposição parcial entre a Pragma-Dialética e a ACD no que tange ao uso de fontes (sócio) linguísticas na análise. Ainda assim, há uma diferença crucial em que o modelo para uma discussão crítica específica o que procurar no discurso e fornece uma estrutura para sistematicamente interpretar, situar e organizar dados empíricos relevantes.

véu muçulmano em noticiários).⁶ A análise pragma-dialética focaliza, em contraste, atos argumentativamente relevantes, que são os atos que podem desempenhar um papel (positivo ou negativo) em uma discussão crítica. Esses atos argumentativos podem dizer respeito a qualquer assunto.

Há também uma diferença sutil no que diz respeito à relação entre a análise do discurso, de um lado, e a avaliação ou crítica, do outro, em cada uma dessas abordagens. Na Pragma-Dialética, análise e avaliação são trabalhadas de forma independente, e o resultado de cada um desses processos é apresentado separadamente. Na ACD, em contraste, os resultados das análises – um exame dos processos do discurso em seu sentido mais amplo – e a crítica do discurso são frequentemente apresentados simultaneamente.

A dimensão estratégica do discurso também é analisada de forma diferente. Como foi mencionado anteriormente, o ponto central da abordagem pragma-dialética do discurso é o conceito de manobras estratégicas. A noção é baseada na suposição pragma-dialética de que “engajar-se em um discurso argumentativo sempre significa estar, ao mesmo tempo, fora da razoabilidade crítica e da eficácia astuta”. (van EERMEREN e HOUTLOSSER, 2009, p. 4). Manobras estratégicas buscam influenciar o resultado de um estágio dialético particular para a própria vantagem de um indivíduo, por meio da escolha de tópicos potenciais disponíveis nesse estágio, ao adaptar os atos argumentativos aos que são mais agradáveis a

uma audiência e por meio da escolha intencional de dispositivos de apresentação incluindo, mas não exclusivamente, as várias figuras e tropos da teoria clássica da argumentação (retórica e dialética). Porém, as escolhas *específicas* que os argumentadores fazem em suas manobras estratégicas podem, todavia, ser tratadas como estruturas obrigatórias, o que significa que deveríamos considerar a inclusão dessas escolhas de forma pragmática, expondo como e em quais aspectos o uso de manobras particulares pode ser explicado pelas oportunidades particulares oferecidas por certo estágio dialético (ver também PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 1969, p. 168). Essa caracterização de manobras estratégicas já aponta alguns contrastes com a ACD: A ACD não se preocupa apenas com estratégias argumentativas, e mesmo quando a estratégia em estudo é argumentativa, o analista não explica necessariamente tais estratégias por referência ao quadro dialético de uma discussão crítica.⁷

Por fim, há também muitas diferenças significantes relacionadas à avaliação do discurso. A Pragma-Dialética objetiva a identificação de atos argumentativos falaciosos – atos que obstruem a resolução racional de uma divergência de opiniões. Para tal, o analista verifica se os atos cumprem com as regras de uma discussão crítica. Na ACD, a principal preocupação é associar a análise linguística à análise social, examinando as relações entre o texto e o contexto em geral e, especificamente, entre o discurso (linguagem em uso) e a supressão de poder social, político e econômico.

2. Perspectivas de um diálogo entre a Pragma-Dialética e a ACD

⁶ Dito isso, é importante ressaltar outro ponto significativo: A ACD não - ou pelo menos não deveria - evidenciar cada representação negativa de alguém pertencente a um grupo sem poder como, por si só, ilegítima (isto é, racista, sexista, antimuçulmana, etc.). Uma análise crítica do discurso deve distinguir entre a crítica legítima de (pessoas que por acaso são), por exemplo, muçulmanos e ataques ilegítimos (em outras palavras, preconceituosos ou racistas). Para uma elaboração desse ponto de vista, ver Richardson (2006).

⁷ Ver também Richardson (2001) e Iețcu-Fairclough (2008), que incorporam uma abordagem de manobras estratégicas em suas análises.

Antes de especificar os meios pelos quais a ACD pode tirar proveito de uma abordagem pragma-dialética, é importante definir claramente os limites de uma contribuição pragma-dialética. A Pragma-Dialética, enquanto teoria da argumentação, pode ser relevante para a Análise Crítica do Discurso apenas no que diz respeito à dimensão argumentativa do discurso em estudo. Assim, um discurso pode englobar declarações, pressuposições e implicaturas, por exemplo, que são extremamente interessantes a partir da perspectiva da ACD, mas que não seriam tomadas por uma reconstrução pragma-dialética, pois não são argumentativamente (isto é, dialeticamente) relevantes.

Dito isso, pensamos que a Pragma-Dialética pode contribuir para uma análise crítica do discurso argumentativo em ao menos três aspectos.⁸ Em primeiro lugar, a Pragma-Dialética oferece um aparato teórico para estabelecer o que é comunicado no discurso argumentativo. A atribuição de um grande número de elementos implícitos no discurso argumentativo – compromissos proposicionais, relações funcionais, organização estrutural e a coerência geral do discurso argumentativo – pode apenas ser justificada adequadamente pela referência a algum conjunto de expectativas relacionadas ao modo como a argumentação deve proceder. Isso é precisamente o que a Pragma-Dialética fornece. Esquemas de argumentos fornecem o embasamento teórico para reconstruir premissas implícitas e pontos de vista, e para identificar o tipo de relação justificatória entre

⁸ Devido a limitações de espaço, iremos apenas examinar as formas através das quais a Pragma-Dialética pode contribuir para a ACD. No entanto, a ACD também pode contribuir para a Pragma-Dialética, por exemplo, ao expor modos, ou ‘espécies’ de práticas argumentativas nas quais as estratégias de relações desiguais de poder são promulgadas. Em relação à AHD em particular, os quatro ‘níveis de contexto’ utilizados para localizar as práticas, estratégias e textos em contextos específicos poderiam ser muito úteis no refino de análise de tipos de atividades argumentativas.

argumentos e pontos de vista (ATKIN e RICHARDSON, 2007). Da mesma forma, os tipos diferentes de estruturas argumentativas distinguidas na Pragma-Dialética – subordinativa, coordenativa e múltipla – fornecem uma ferramenta teoricamente motivada para descrever a relação entre os argumentos utilizados na justificativa de alguém e algum ponto de vista. Em resumo, consideramos que os métodos pragma-dialéticos de análise podem fornecer o embasamento teórico e sistemático para as pretensões interpretativo-descritivas da ACD. E isso, por sua vez, pode prevenir acusações contra a ACD de viés interpretativo, que força uma leitura ideologicamente motivada de um texto⁹. Essa contribuição em nível de análise não deveria ser subestimada, uma vez que qualquer crítica social apropriada do discurso pressupõe uma descrição adequada.

Em segundo lugar, gostaríamos de destacar o potencial das manobras estratégicas para o enriquecimento de análises estratégicas da AHD. Isso se aplica não apenas ao analista das ‘estratégias de argumentação’ da AHD (*topoi*), mas também ao estudo de estratégias relativas aos atos argumentativos que vão além do ato de fala da argumentação, como o enquadramento de uma diferença de opinião de um modo vantajoso na fase de confronto, ou como apresentar, na fase inicial, pontos de partida como se fossem questões de “fato”.

Ademais, cremos que a ACD pode se beneficiar dos métodos pragma-dialéticos para avaliar o discurso argumentativo. Em nosso ponto de vista, uma crítica social do discurso não deveria consistir simplesmente em uma justaposição de ideias transmitidas num discurso e de pontos de vista expressos pelo analista crítico do discurso na realidade social. Em vez disso, a crítica deveria envolver a

⁹ Schelgloff (1997), por exemplo, avalia as descrições da ACD como problemáticas, pois ele considera a interpretação do analista como baseada no compromisso ideológico e não em uma perspectiva analítica.

justificação – uma justificação que leve em conta os argumentos avançados no discurso em análise. Cremos que os instrumentos pragma-dialéticos para avaliação – regras de discussão crítica e questões críticas em particular – podem desempenhar um importante papel em um processo justificatório desse tipo.

3. Para uma abordagem integrada da análise da argumentação

Concretamente, propomos a concepção de crítica como o processo no qual o analista crítico do discurso avalia a eficiência dos atos argumentativos a partir da perspectiva da discussão crítica. Para fazer jus aos interesses emancipatórios da ACD, todavia, a avaliação da argumentação do autor deveria ir além, encarando, quer a crítica realmente exposta pelo oponente real, quer a crítica projetada pelos próprios argumentadores. O processo avaliativo deveria permitir ao analista apresentar as críticas que ainda não foram levadas em conta pelos partidos reais ou projetados para a disputa. Em outras palavras, cremos que o analista do discurso crítico deveria ter permissão para tomar parte na discussão como se integrasse outro partido na disputa, que assume (no mínimo) o papel de antagonista aos pontos de vista expressos pelo autor¹⁰. Dessa forma, o analista vai necessariamente confiar, explícita ou implicitamente, em alguns modelos políticos normativos ou ideias.

Dessa forma, os analistas críticos do discurso podem sistematicamente justificar as suas críticas de que certo discurso é parcial (no sentido de se basear na ignorância ou em um

entendimento parcial de uma realidade social) ou ideologicamente questionável (uma vez que contribui para o sofrimento ou dificulta o florescimento interpessoal, ver SAYER, 2006), ao argumentar contra a aceitabilidade das premissas, ou contra a relevância e suficiência dos argumentos apresentados. Além disso, os padrões para uma discussão crítica poderiam ajudar a identificação do preconceito e das relações de dominância em níveis discursivos que vão além do processo de exposição de argumentos. Por exemplo, a avaliação pragma-dialética pode trazer à tona inconvenientes interacionais como a restrição da liberdade de ação do outro partido em nível de confrontação (violação da regra 1). Se o oponente é membro de algum grupo social suprimido de poder, essa falácia poderia apontar para a (re)criação da desigualdade social no discurso. Também, o tratamento de uma disputa mista em termos de diferença de opinião não-mista (violação da regra 2) poderia ser uma forma de negligenciar a existência do outro, discursos contraditórios e não-dominantes, na esfera pública.

Cremos que a nossa proposta faz jus aos princípios que estão na base de cada uma dessas abordagens: racionalidade dialética, por um lado, e um compromisso político para aqueles que mais sofrem, do outro. A racionalidade dialética é preservada enquanto exigimos do analista que ele exponha que os pontos de vista expressos no discurso são inaceitáveis por não resistirem a um teste crítico. Ao mesmo tempo, a unidade sociopolítica da ACD é mantida ao permitir que o analista assuma um papel ativo na discussão (implícita ou explícita) pressuposta pelo discurso em consideração. No exercício desse direito, o analista pode trazer à discussão críticas da argumentação que não são absorvidas pelo autor e discursos dominantes no domínio público¹¹.

¹⁰ Um analista crítico do discurso pode – e provavelmente irá – assumir também o papel de protagonista do ponto de vista oposto. Além disso, ele/ela pode assumir, em nível de uma subdisputa, o ponto de vista de que a argumentação é insuficiente e adiantar objeções à argumentação do protagonista para justificar a crítica dele/dela.

¹¹ Diante do exposto, pode parecer que o claro interesse dos analistas críticos do discurso em descobrir os erros

Referências

ANTHONISSEN, C. Interaction between visual and verbal communication: changing patterns in the printed media. In: WEISS, G.; WODAK, R. (Eds.). **Critical Discourse Analysis: Theory and Interdisciplinarity**. Houndmills: Palgrave, 2003. p. 297-311.

ATKIN, A.; RICHARDSON, J.E. Arguing about Muslims: (Un)Reasonable argumentation in letters to the editor. **Text and Talk**, n.27, v.1, p.1-25, 2007.

BILLIG M.; CONDOR, S.; EDWARDS, D.; GANE, M.; MIDDLETON, D.; RADLEY, A.R. **Ideological Dilemmas**. London: Sage Publications, 1998.

CAMERON, D. **Working With Spoken Discourse**. London: Sage, 2001.

DIJK, T. A. van. Principles of Critical Discourse Analysis. **Discourse and Society**, n.4, v.2, p. 249-283, 1993.

_____. Multidisciplinary CDA: a plea for diversity. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Eds.). **Methods of Critical Discourse Analysis**. London: Sage, 2001. p. 95-120.

_____. **Discourse and Context**. A Sociocognitive Approach. Cambridge: Cambridge University Press, 2008a.

_____. Critical Discourse Analysis and nominalization. **Discourse & Society**, n. 19, v. 6, p.821-828, 2008b.

EEMEREN, F.H. van. **Strategic Maneuvering in Argumentative Discourse: Extending the Pragma-Dialectical Theory of Argumentation**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2010.

_____; GROOTENDORST, R.; JACKSON, S.; JACOBS, S. **Reconstructing Argumentative**

argumentativos do autor põe em risco o princípio da razoabilidade dialética. Pensamos, porém, que essa conclusão é muito precipitada. É verdade que os analistas terão interesse em 'ganhar' a disputa, mas não menos do que qualquer antagonista em uma divergência de opinião. Em consonância com a noção de manobra estratégica, cremos que os objetivos retóricos dos analistas podem, mas não precisam, entrar em conflito com os seus objetivos dialéticos.

Discourse. Tuscaloosa/London: The University of Alabama Press, 1993.

_____; HOUTLOSSER, P. Strategic maneuvering: Examining argumentation in context. In F.H. van Eemeren (Ed.). **Examining Argumentation in Context: Fifteen studies on strategic maneuvering**. Amsterdam: John Benjamins, 2009. p.1-24.

FAIRCLOUGH, N. Rhetoric and Critical Discourse Analysis: A Reply to Titus Ensink and Christoph Sauer. **Current Issues in Language & Society**, n. 3, v. 3, p.286-289, 1996.

_____. **Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research**. London: Routledge, 2003.

_____. A dialectical-relational approach to critical discourse analysis in social research. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Eds.). **Methods of Critical Discourse Analysis**. 2nd ed. London: Sage, 2009. p.162-186.

_____. IETÇU-FAIRCLOUGH, I. Argumentation Theory in CDA: Analyzing Practical Reasoning in Political Discourse. In: CILLIA, R. de; GRUBER, H.; KRZYZANOWSKI, M.; MENZ, F. (Eds.). **Discourse-Politics-Identity**. Vienna: Stauffenburg Verlag, (forthcoming).

FORCHTNER, B. **Critique, the discourse-historical approach, and the Frankfurt School**. (forthcoming).

_____; TOMINC, A. **Critique in the Discourse-Historical Approach: Between Habermas' Critical Theory and Popper's Critical Rationalism**, (forthcoming).

FREELEY, A. J. **Argumentation and debate: Critical thinking for reasoned decision making**. 9th ed. Belmont, CA: Wadsworth, 1996.

HEER, H.; WODAK, R. Introduction: Collective Memory, National Narratives and the Politics of the Past. In: HEER, H.; MANOSCHEK, W.; POLLAK, A.; WODAK, R. (Eds.). **The Discursive Construction of History: Remembering the Wehrmacht's War of Annihilation**. Basingstoke: Palgrave, 2008. p.1-13.

HULTZÉN, L. S. Status in deliberative analysis. In: BRYANT, D.C. (Ed.). **The rhetorical idiom: Essays**

in rhetoric, oratory, language and drama. New York: Russell and Russell, 1966.

IEȚCU-FAIRCLOUGH, I. Legitimation and strategic maneuvering in the political field. **Argumentation**, n. 22, p.399-417, 2008.

_____. Argumentation and CDA, presentation at **Language, Ideology, Politics Workshop**, Lancaster University 27 January 2010.

KRZYŻANOWSKI, M.; WODAK, R. **The Politics of Exclusion. Debating Migration in Austria**. New Brunswick, NJ: Transaction Publishers, 2008.

LEMKE, J. **Textual Politics: Discourse and social dynamics**. London: Taylor & Francis, 1995.

REISIGL, M.; WODAK, R. **Discourse and Discrimination**. Rhetorics of Racism and Antisemitism. London: Routledge, 2001.

_____. The Discourse-Historical Approach. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Eds.). **Methods of Critical Discourse Analysis**. 2nd ed. London: Sage, 2009. p. 87-121.

RICHARDSON, J. E. 'Now is the time to put an end to all this': Argumentative discourse theory and letters to the editor. **Discourse and Society**, n.12, v.2: p.143-168, 2001.

_____. On delineating 'reasonable' and 'unreasonable' criticisms of Muslims. **Fifth Estate Online**, August 2006.

_____. 'Our England': discourses of 'race' and class in party election leaflets. **Social Semiotics**, n.18, v.3, p.321-336, 2008.

_____; Wodak, R. The impact of visual racism: Visual arguments in political leaflets of Austrian and British far-right parties. **Controversia**, n.6, v.2: p.45-77, 2009a.

_____. Recontextualising fascist ideologies of the past: right-wing discourses on employment and nativism in Austria and the United Kingdom. **Critical Discourse Studies**, n.6, v.4, p. 251-267, 2009b.

SAYER, A. Language and significance – or the importance of import: Implications for critical

discourse analysis. **Journal of Language and Politics**, n.5, v.3, p.449-471, 2006.

SCHEGLOFF, E. A. Whose Text? Whose Context? **Discourse & Society**, n.8, v.2, p.165-187, 1997.

SHAW, W.C. **The art of debate**. Boston: Allyn & Bacon, 1922.

TITSCHER, S.; MEYER, M.; WODAK, R.; VETTER, E. **Methods of Text and Discourse Analysis**. London: Sage, 2000.

WODAK, R. What CDA is about. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Eds.), **Methods of Critical Discourse Analysis**. London: Sage, 2001. p.1-13.

_____. **The Discourse of Politics in Action: Politics as Usual**. Basingstoke: Palgrave, 2009.

_____; DIJK, T.A van (Eds.). **Racism at the Top**. Klagenfurt: Drava, 2000.

ŽAGAR, I.Z. The Use of Topoi in Critical Discourse Analysis (CDA), Keynote Lecture, **2nd International Conference on Political Linguistics**, University of Łódź, Poland, 17-19 September 2009.

Tradução:

Laurenci Barros Esteves

Graduando em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil, e bolsista FAPESB de Iniciação Científica, sob a orientação do Prof. Msc. Eduardo Lopes Piris.

E-mail: lbsteves@gmail.com.

Revisão da tradução:

Kelly Cristina de Oliveira

Doutoranda em Filologia e Língua Portuguesa, pela Universidade de São Paulo, Brasil, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade. E-mail: kelly_cristina_oliv@yahoo.com.